

Flashes de uma cidade turística: a Natal turística em periódicos (1969-1971)

Flashes from a tourist city: tourist Natal in periodicals (1969-1971)

Flashes de una ciudad turística: la Natal turística en periódicos (1969-1971)

Gustavo Gabriel de Lima Silva Chalegre¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gabriel.migalha@gmail.com

Recebido: 16/02/2024 | Aceito: 29/04/2024

Resumo: o presente artigo aborda como reportagens do final da década de 1960 e início da década de 1970 do periódico O Jornal (RJ) contribuíram para a construção da cidade de Natal como espaço turístico. O principal método de análise usado foi a leitura fotográfica das diferentes imagens usadas nas matérias jornalísticas, buscando entendê-las não apenas como fotoilustração, mas também como objetos formadores de sentidos próprios sobre a imagem-espaco da cidade do Natal, além de relacioná-las com o discurso presente no próprio texto-jornalístico. Através do trabalho de análise dessas reportagens, podemos perceber como fotografias e legendas nos ajudam a entender mais sobre como se formou a imagem de Natal como cidade turística para o público nacional, não só pelos leitores daqueles jornais.

Palavras-chave: Fotografia. Turismo. Jornalismo.

Abstract: The present article addresses how reports from the late 1960s and early 1970s in the newspaper O Jornal (RJ) contributed to the construction of the city of Natal as a tourist destination. The main method of analysis used was the photographic examination of different images used in journalistic articles, aiming to understand them not only as photo illustrations but also as objects shaping their own meanings about the image-space of the city of Natal. Additionally, the analysis sought to relate these images with the discourse present in the journalistic text. Through the examination of these reports, we can perceive how photographs and captions help us better comprehend the formation of Natal's image as a tourist city for the national audience, not only for the readers of those newspapers.

Keywords: Photography. Tourism. Journalism.

Resumen: El presente artículo aborda cómo las noticias de finales de la década de 1960 y principios de la década de 1970 en el periódico O Jornal (RJ) contribuyeron a la construcción de la ciudad de Natal como destino turístico. El principal método de análisis utilizado fue el examen fotográfico de diferentes imágenes utilizadas en artículos periodísticos, con el objetivo de entenderlas no solo como ilustraciones fotográficas, sino también como objetos que dan forma a sus propios significados sobre el espacio de la imagen de la ciudad de Natal. Además, el análisis buscó relacionar estas imágenes con el discurso presente en el texto periodístico. A través del examen de estos informes, podemos percibir cómo las fotografías y leyendas nos ayudan a comprender mejor la formación de la imagen de Natal como ciudad turística para la audiencia nacional, no solo para los lectores de esos periódicos.

Palabras clave: Fotografía. Turismo. Periodismo.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

A Natal turística em periódicos (1968-1971)

Natal é uma cidade turística conhecida internacionalmente, com toda uma gama de atividades que nos evidenciam isso: passeios de bugre e de barco pelo litoral, mergulhos nos parrachos, noites de forró, vários *shoppings* de artesanato espalhados pela cidade. Além disso, ela possui uma extensa rede hoteleira, para atender os mais diversos tipos de condições econômicas, com os hotéis de maior porte e mais bem avaliados construídos ao longo da Via Costeira, um dos cartões postais da cidade. Entretanto, mesmo Natal tendo sido construída próxima ao litoral e aproveitar as benesses dessa proximidade para suas atividades de turismo atualmente, fica uma pergunta no ar: será que a cidade sempre foi vista como esse portal do turismo no Rio Grande do Norte?

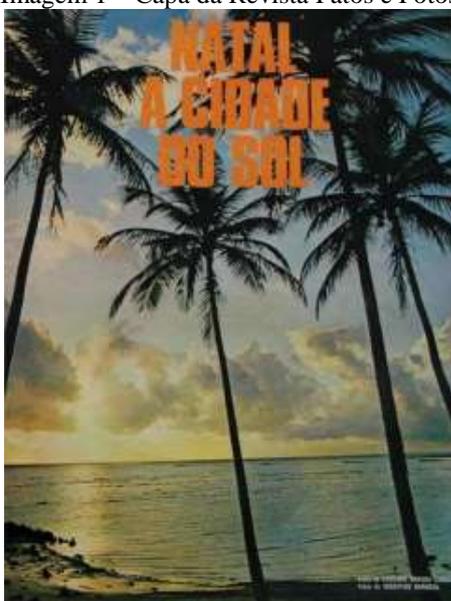
Muitas cidades estão espalhadas ao longo do litoral do Brasil e nem todas ganharam a mesma notoriedade turística que Natal ao longo dos últimos anos. Todavia, de onde teria vindo essa fama? Somente no final da Segunda Guerra Mundial, Natal entrou nos holofotes do país e do mundo devido a sua proximidade com a base aérea que enviava os aviões dos Aliados para a guerra em várias partes do mundo. Até aí, Natal era uma cidade que buscava se inserir nos ideais do que seria uma “cidade moderna” – porém com “ares provincianos”, como dizia Câmara Cascudo -, quando enfim veio a ideia de a inserir no mercado nacional (e mundial) do turismo (ARRAIS, 2015).

Foi na gestão do prefeito Djalma Maranhão (1956-1959) que o potencial turístico da cidade de Natal começou a ser explorado, acreditando que esse deveria estar associado às belezas naturais da cidade para que tivesse o impulso desejado. Ele criou, em 1956, o Conselho Municipal do Turismo e, além disso, buscou embelezar pontos estratégicos da cidade, assim como dotá-los de uma infraestrutura básica. Seu objetivo era promover políticas públicas que incentivassem o turismo, assim como estava acontecendo em outras cidades litorâneas do Nordeste, associando à cidade a imagem do mar e do sol (FERREIRA, 2006).

O crescimento e o progresso da cidade, aos poucos, começaram a ser associadas ao turismo, e esse turismo, as paisagens naturais da cidade do Sol. Com o advento da Ditadura Militar em 1964, a política econômica foi levada a cabo através do incentivo a iniciativa privada, como vistas ao desenvolvimento de cada região. Uma rede hoteleira começa a se estabelecer - com destaque para o Hotel Reis Magos (1965) – e nos jornais – tanto locais, como de outras partes do país –, revistas, no rádio e na televisão, a visão de Natal como “Cidade do Sol” começam a se propagar: o mar e o céu azul, as dunas de areias brancas, as temperaturas tropicais, os paredões avermelhados das falésias, tudo era divulgado para que os turistas fossem atraídos para a cidade e pudessem desfrutar de suas belezas (SILVA, 2012).

Aos poucos a imagem de Natal começa a ser veiculada além dos discursos, em imagens que buscam não só ilustrá-lo, mas também legitimá-lo. Na década de 1960, revistas e jornais apresentam reportagens e matérias que apresentam as belezas da cidade de Natal. Um exemplo notável é a revista “Fatos e Fotos” (1968), que não só apresentou as paisagens naturais como a riqueza da cidade, mas também buscou sublinhar como esta estava se modernizando, mostrando os diversos espaços urbanizados da cidade, entre aquelas belezas da natureza, assim como suas riquezas culturais. Como diz Silva: "São discursos e imagens de ‘realidades’ que cristalizam um imaginário sobre o espaço relacionado à tônica que as revistas ilustradas do período davam a descoberta de várias imagens do Brasil” (SILVA, 2012, p. 61).

Imagem 1 – Capa da Revista Fatos e Fotos



Fonte: Revista Fatos e Fotos, 1968.

Na imagem de capa acima vemos a ideia do paradisíaco cenário que seria encontrado na cidade do Natal: uma bela praia, cercada por um imenso céu azul sem fim, de mares calmos e convidativos ao banho com altos coqueiros que emolduram a paisagem. A matéria da Revista Fatos e Fotos foi importante para a divulgação de Natal como “A Cidade do Sol”, ao passo que após a publicação, a prefeitura de Natal a comprou e a reproduziu em folhetos, em pontos estratégicos da cidade, entre a população residente – que estava começando a se acostumar com essa nova visão da cidade – e turistas (SILVA, 2012).

Entretanto, enquanto as imagens destacadas pela matéria descrita anteriormente tentavam alinhar vários processos que estavam em um diálogo constante: progresso, riqueza cultural, belezas naturais, as matérias e reportagens que vão ser publicadas em anos seguintes, e que vão ser analisadas adiante, se empenham em focar nessas duas últimas como os

principais chamativos da cidade. Elas fazem parte de uma série de matérias publicadas pelo periódico O Jornal no final da década de 1960 e início da década de 1970.

Para encontrar essas reportagens, foi realizada uma pesquisa inicial no acervo da Hemeroteca Digital em busca de jornais que apresentassem Natal como espaço turístico no recorte mencionado acima. Chamou especial atenção as fotografias que existiam nas matérias e sua conexão com os discursos que buscavam representar esse espaço turístico. É importante frisar que o espaço turístico é uma representação presente naqueles jornais. A ideia de representação nos apresenta a presença sempre de um eu e do outro e de como esse outro aqui é representado. Said (2007), por exemplo, nos mostra como o Ocidente representa o Oriente, que para aquele, não teria condições de se autorrepresentar. Aqui, para além da falta de condições, temos indícios de que havia uma procura de que o outro representasse Natal, como notaremos no texto das reportagens, já que parte das fotografias é fornecida por agência da própria cidade, para que fossem representadas naquele periódico. Essas representações também seriam aspectos construídos, e não descrições somente.

A opção por trabalhar com o jornal de uma grande capital turística do país é ver como a visão do outro, de um espaço turístico já bem estabelecido, pode constituir e imaginar outro espaço de mesma ordem. Procurar-se-á assim, perceber a mudança simbólica de uma cidade antes chamada provinciana para uma cidade turística promovida por um jornal de outra capital, através da construção imagética da cidade de Natal como espaço turístico. Essas matérias foram justamente escolhidas porque foram encontradas no recorte especificado que continham fotografias que se apresentavam em um bom estado para análise.

O Jornal (RJ) 1969-1971

Como descrito anteriormente, o periódico O Jornal do Rio de Janeiro se propôs, entre 1969-1971, a veicular a imagem de cidade turística de Natal como parte dos roteiros turísticos visitados na coluna de um de seus jornalistas, Marcello Maranhão. O Jornal havia sido fundado em 1919, por Renato de Toledo Lopes, sendo adquirido em 1924 por Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. O periódico se tornou o primeiro elo e o órgão líder da cadeia dos Diários Associados, tendo sido extinto em abril de 1974 em razão de problemas financeiros.

As matérias vinculadas pelo periódico O Jornal (RJ) são um bom exemplo de como a ideia de Natal turística se repercutiu em outros locais do Brasil. No ano de 1969, publicou a primeira matéria com várias fotos não só das belezas naturais, mas também de aspectos históricos e culturais de Natal, como o Forte dos Reis Magos. Inicialmente, observando a data

de publicação do diário, 29 de junho de 1969, percebemos que ele se situa em um período de alta temporada, o que nos apresenta um possível interesse se materializando cada vez mais forte para a promoção do espaço turístico natalense. Ora, podemos perceber isso inclusive no texto, pois no primeiro parágrafo já é mencionado o nome da agência de turismo (Netuno) que recebe o jornalista e o acompanha durante seus passeios, numa clara intenção propagandística do seu trabalho.

Imagem 2 – Reportagem Natal (1969)



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

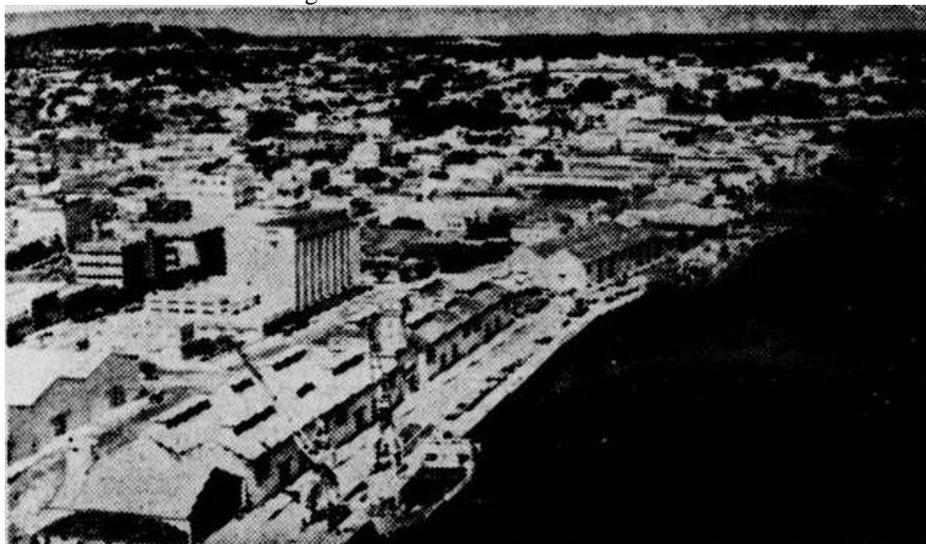
Ao longo da matéria, a exemplo do que é primeiramente notado nas imagens, tenta delinear Natal por seus vários exemplos, buscando dar um panorama geral da cidade, desde apresentar os seus bairros, culinária e população. O que percebemos, entretanto, é que as imagens não parecem se conectar tanto ao texto como deveriam nesse tipo de apresentação jornalística, inclusive não trazendo legendas que ajudam a contextualizá-las. Sendo assim, devemos buscar examinar os seus significados sem os títulos e legendas que muitas vezes os alteram (KOSSOY, 2002).

Está escrito na matéria que as fotos não foram produzidas pelo jornal, mas por uma agência de turismo da cidade de Natal - a agência Netuno - que, nas palavras do repórter “foram gentilmente cedidas” (MARANHÃO, 1969, p. 49). Essas imagens constituem o que

chamamos de fotoilustração, “uma imagem composta de uma fotografia, de fotografias combinadas (colagem ou montagem, digital ou convencional) ou de fotografia associada a outros elementos gráficos que cumpre a função de ilustração de um texto” (MONTEIRO, 2016, p. 69). Entretanto, apesar de inevitavelmente vinculadas ao texto da reportagem, cada fotografia possui significados próprios, implícitos e explícitos que permitem uma leitura de mundo a partir dela mesmo. Não se nega, porém, a importância das fontes escritas na descoberta desses significados; pelo contrário é reconhecida a relevância delas e necessária sua participação na pesquisa histórica fotográfica, em especial, a fotografia documental.

É importante examinar a fotografia como fator na construção de Natal como espaço turístico, junto com suas implicações sociais e econômicas. A imagem e a imprensa têm papel essencial no caso do turismo, porque atrai ou não o turista para conhecer aquele espaço específico. As fotografias são uma forma de construir uma realidade, através de símbolos, e devem ser assim entendidas, portanto “Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. Com efeito, são elas símbolos extremamente abstratos” (FLUSSER, 2002, p. 14). A fotografia auxilia na construção simbólica do espaço da cidade turística que Natal vai se transformar a partir da década de 1960, pois a imagem fotográfica, assim, está intrinsecamente entrelaçada em um processo de criação de realidades (KOSSOY, 2002).

Imagem 3 – Porto da Cidade do Natal.



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

Na imagem que abre a reportagem, que está dividindo a chamada com o nome “NATAL” e um pequeno resumo sobre a fundação da cidade, podemos supor que o fotógrafo quis nos dar uma visão panorâmica do porto. Apesar de a matéria jornalística não se iniciar com uma foto de uma das praias – as belezas naturais pelas quais a cidade ficará mais

conhecida -, podemos notar que o fotógrafo faz um esforço para aproximar a ideia da cidade portuária, com uma capital urbana, moderna, “progressista” – nas palavras do autor do texto – e em pleno crescimento; por isso, o porto é fotografado em ângulo que parece favorecer seu tamanho e também a sua integração com o espaço urbano que o rodeia. Assim, a ideia de uma Natal em pleno crescimento, aquela que abriga uma base de foguetes em seu território, caminha junto com aquela da Natal turística como poderemos ver nas imagens logo adiante.

Imagem 4 – Areia Preta



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

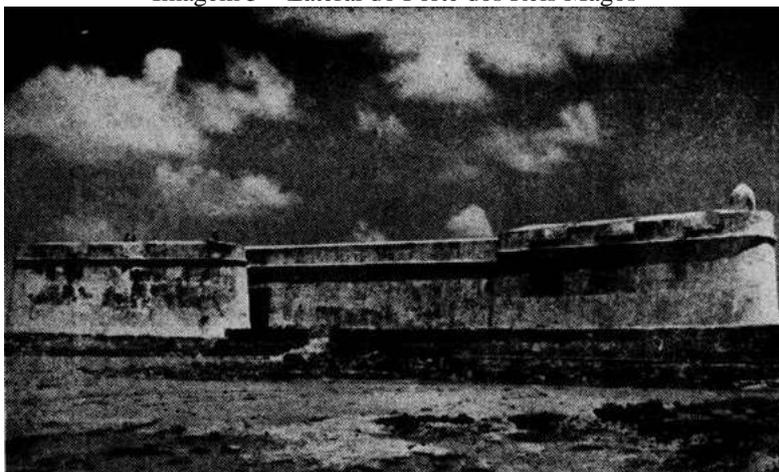
Um dos destaques do texto jornalístico vai para as praias da cidade; dessa maneira, essas não poderiam deixar de estar presentes nas fotografias: “Cidade litorânea, a bela capital potiguar oferece ao visitante todo o encanto de suas famosas praias, muitas delas a dois passos do centro da cidade, como a Praia do Forte, Areia Prêta, Circular, Morro do Pinto, Mãe Luiza e Praia do Meio” (MARANHÃO, 1969, p, 49). A fotografia em questão mostra a praia de Areia Preta, no final dos anos 60. Podemos ver que, pelo número de pessoas na praia, o banho de mar era uma atividade popular no período. Na reportagem, o autor destaca que essa praia, assim como outras vizinhas a essa, fica muito perto do centro da cidade. Podemos notar que a cidade de Natal ainda tinha um aspecto bastante natural em suas praias, com vegetação espalhada pelos arredores. Após reformas e urbanizações as praias perderam esse aspecto nos anos 1990/2000.

Podemos também aferir que, apesar da fotografia enquadrar uma população nativa interessada nos prazeres da praia, não se esquece das outras áreas da cidade; nessa reportagem em questão é abordado o bairro comercial e residencial do Alecrim, zona comercial principal da capital potiguar. É de se notar, entretanto, que essas outras áreas não são fotografadas, pois

o público que iria visitar Natal, como cidade turística, estaria mais interessado em suas belezas naturais: as praias.

O jornal também traz uma foto daquele que é o cartão postal da cidade, o Forte dos Reis Magos. A mesma reportagem, inclusive, traz como subtítulo “Do ‘Forte dos Reis Magos’ à Base de Teleguiados”, e apesar de nos falar da base de foguetes – a Barreira do Inferno – presente nos arredores da cidade, não nos expõe nenhuma fotografia dessa, mas apresenta a fotografia do forte, que demonstra a importância que é dado ao aspecto histórico da cidade para a promoção do turismo. Vale salientar que nos textos das reportagens, essa perspectiva histórica é ressaltada, principalmente nas décadas de 1960. O que também notamos é que, apesar do nome da base aparecer no subtítulo e ser mencionada no texto, essa não aparece em nenhuma fotografia da reportagem – talvez por restrições, já que se tratava de uma área militar.

Imagem 5 – Lateral do Forte dos Reis Magos



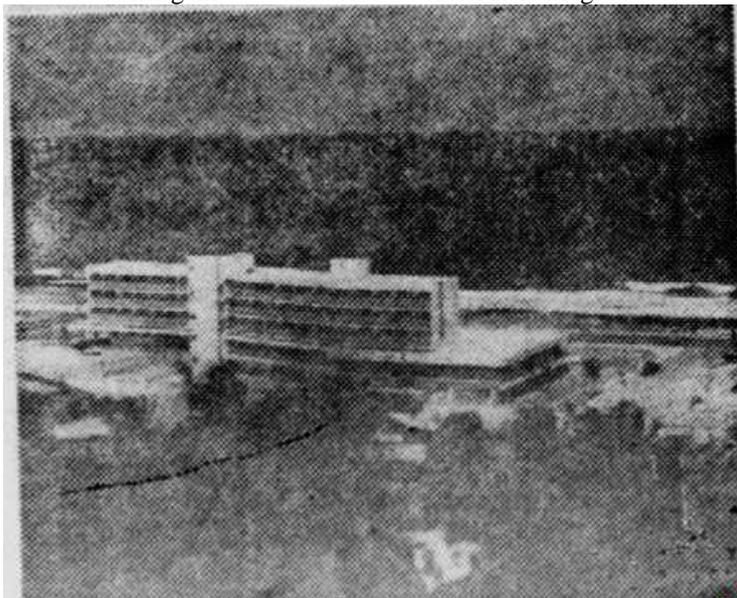
Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

O Forte é mostrado de maneira imponente, cobrindo com sua extensão, praticamente toda a largura da fotografia, mostrando a dificuldade do fotógrafo de apresentar o tamanho enorme de sua estrutura. Apesar de não ser chamativa, a foto cumpre o papel de mostrar que a cidade de Natal é mais que praias belas e paisagens tropicais convidativas, mas um exemplo também de turismo histórico e popular. O Forte é apresentado pelas lentes de um fotógrafo que está mais interessado no aspecto de sua grandiosidade que no aspecto estético da construção em si. Durante o momento dessa reportagem, o forte também era espaço de um museu, O Museu de Arte Popular, que abrigava diversas peças de cunho histórico, antropológico e artístico da cidade de Natal. Isso evidencia mais uma vez o interesse do governo em não só transformar Natal em um espaço turístico de belas praias, mas também de

história e cultura, fazendo com que o turista estivesse mais próximo da arte e cultural local da localidade que estava visitando naquele momento.

A reportagem também apresenta mais uma fotografia de destaque, não por sua qualidade técnica, mas por se alinhar mais uma vez com o discurso jornalístico. Uma foto do Hotel Reis Magos:

Imagem 6 – Vista aérea do Hotel Reis Magos



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

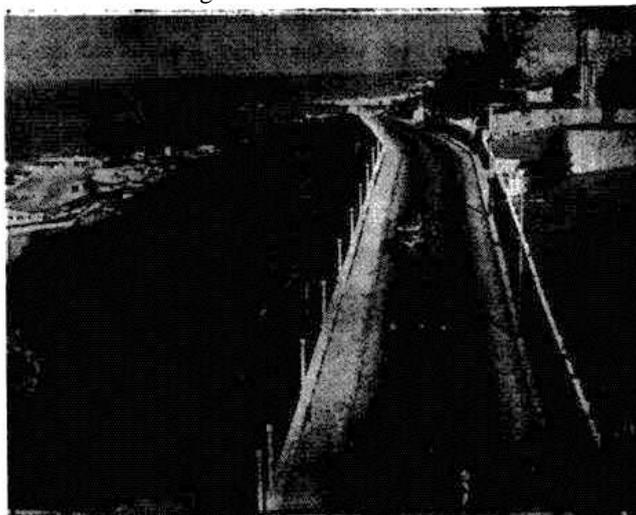
No texto da reportagem, o jornalista não economiza gentilezas e elogios para tratar de vários aspectos da cidade, como a população, a comida e até mesmo arquitetura dos bairros. Entretanto, podemos ver que ele faz uma crítica a situação da rede hoteleira do período. Apesar dos esforços do prefeito Djalma Maranhão, já no seu mandato – 1956 - 1959 – enfoca numa atenção da iniciativa privada para essa questão (FERREIRA, 2006) é na década seguinte que ela vai ganhar destaque. Nos termos da matéria do O Jornal, a rede hoteleira era “insuficiente para atender ao grande número de visitantes que procuram a cidade anualmente” (MARANHÃO, 1969, p. 49). Apesar disso, o Hotel Reis Magos – inaugurado 4 anos antes da matéria ser publicada – foi retratado em uma das fotografias.

Apesar da foto não estar em boa qualidade, podemos conjecturar várias intenções do fotógrafo neste registro. A começar pelo ângulo: o empreendimento é apresentado próximo à praia – e não qualquer uma, mas uma das principais praias urbanas do período, a Praia do Meio. Além disso, ele é delineado em texto e imagem como um hotel de grandes proporções, que poderia acolher vários turistas. Nas palavras da reportagem, com “todos os requisitos da

moderna técnica da hotelaria”. Grandioso e bem equipado, o Hotel Reis Magos iria se tornar um símbolo do turismo potiguar.

Como as fotos não apresentam legendas há dificuldade na identificação de algumas delas, devido à qualidade da digitalização. É o caso das próximas imagens.

Imagem 7 – Avenida Atlântica



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

A figura acima é uma foto da Avenida Atlântica (de mesmo nome daquela que acompanha a praia de Copacabana no Rio de Janeiro) em plano picado (superior). A avenida ganha destaque, pois ela é como um “caminho do mar”, que leva o turista para a praia – por isso foi tão importante para a inserção do turismo em Natal (SILVA, 2012). Nesse momento está acontecendo a expansão rodoviária no país, pois o asfalto era um dos símbolos do Brasil moderno, tão propagandeado pelo já citado Milagre Econômico do regime militar.

Na fotografia urbana, a metáfora da estrada revela-se como uma poderosa ferramenta simbólica, capturando não apenas a paisagem física, mas também a jornada ininterrupta da vida nas cidades. Cada imagem, como uma estrada, representa um caminho a ser percorrido, repleto de histórias, encontros e desafios. As linhas e curvas das ruas e avenidas espelham as complexidades da existência urbana, enquanto os edifícios que a ladeiam constituem os marcos que testemunham o progresso e as transformações ao longo do tempo. A metáfora da estrada na fotografia urbana transcende o concreto, evocando uma sensação de movimento constante, reflexão e exploração. Essas imagens não são apenas registros visuais do ambiente citadino, mas convites para uma viagem metafórica, onde cada cena retratada se torna uma encruzilhada de possibilidades e significados.

Entretanto, aqui, a estrada tem um propósito outro, elas não convidam o olhar do leitor não a continuar, como numa estrada ininterrupta da vida, mas dar uma pausa, no fim da

estrada, na natureza. A avenida leva a praia, ao descanso, porém, quando necessário trará novamente o turista/espectador, do espaço turístico do descanso, para o espaço do trabalho.

Imagem 8 – Cidade da Criança



Fonte: O Jornal (RJ), 1969.

A foto acima representa um dos principais espaços de convivência da cidade, a Cidade da Criança (criada em 1962). O texto relata brevemente sobre os bairros que a cidade tinha naquele período; entre eles o bairro de Tirol, porém somente suas residências são mencionadas: “Os elegantes bairros de Petrópolis e Tirol, com suas largas avenidas e o avançado estilo de suas belas residências, dão o toque de beleza arquitetônica na agradável paisagem urbana da moderna metrópole nordestina”. A foto, então, aparece sem conexão com o texto e para aqueles que não conhecem a cidade, é uma oportunidade para explorar com os olhos uma “área desconhecida” (MARANHÃO, 1969, p. 49), porém que parece convidativa ao relaxamento.

A composição busca harmonizar elementos da natureza como as árvores e o lago com elementos urbanos e coloca uma possível criança relaxando no ambiente, convidando aquele que olha a relaxar também. A harmonia entre elementos naturais e urbanos na fotografia oferece uma perspectiva visualmente cativante que captura a complexidade e a interconexão entre a natureza e o ambiente urbano. Ao integrar elementos como árvores ou corpos d'água em meio à arquitetura urbana, as imagens conseguem transmitir uma sensação de equilíbrio e coexistência. Essa fusão de elementos cria uma narrativa visual que destaca a relação simbiótica entre o desenvolvimento humano e o meio ambiente. Além disso, a presença de elementos naturais nas áreas urbanas proporciona não apenas um apelo estético, mas também contribui para a qualidade de vida, tão procurada por aqueles que buscam a atividade turística. A fotografia que harmoniza esses elementos não apenas celebra a beleza da coexistência, mas também promove a reflexão sobre a importância de manter um equilíbrio sustentável entre o crescimento urbano e a preservação da natureza.

Imagem 9 – Reportagem Natal (1970)



O Jornal (RJ), 1970.

No ano seguinte a publicação dessa matéria (1970), o periódico O Jornal (RJ) publicou outra matéria sobre a cidade de Natal. Podemos notar, em uma rápida leitura, que o texto de Marcello Maranhão permaneceu quase intacto. Apesar de poucas, são mudanças que valem a pena examinarmos. Uma delas, a mais relevante para este trabalho, é a presença de novas fotografias, que podem nos fazer notar novos simbolismos sobre a construção de Natal como espaço turístico.

Em primeiro lugar, vamos tratar sobre as mudanças no texto jornalístico. A primeira delas ocorre no primeiro parágrafo, com a menção do então secretário de turismo de Natal, o jornalista Paulo Macêdo, que dessa vez foi citado, apesar de já estar no cargo em 1969. De acordo com várias publicações do mesmo periódico, ele desenvolvera desde o ano anterior um intenso trabalho para a promoção do turismo na cidade, o que culminou, inclusive, na realização do II Congresso Nacional de Turismo em dezembro daquele ano, sob tutela da EMBRATUR, a agência brasileira de promoção internacional do turismo, Ed. 14731. A segunda mudança está na retirada da menção de vários restaurantes que estavam no texto de 1969 e na menção de alguns pontos específicos da cidade como parte de um “roteiro turístico”.

Estas mudanças no texto refletem uma clara mudança do próprio caráter da visão sobre o turismo na cidade, que está se transformando, junto com a própria visão do turismo em âmbito nacional, como vemos pela criação de vários órgãos destinados ao apoio a essa atividade, como a própria EMBRATUR (1966), que ainda existe hoje. Seguindo essa linha de incentivo nacional, a gestão do jornalista Paulo Macêdo não deixaria de ele mesmo, tentar interferir no que era falado sobre a cidade do Natal e seu potencial turístico. Por isso mesmo, as fotografias dessa reportagem, ao contrário do que havia acontecido em um primeiro momento, foram fornecidas pela própria Secretaria de Turismo de Natal.

Além de um inegável aumento da qualidade técnica das fotografias como um todo, há outro elemento atrelado a elas: as legendas. Enquanto estas estiveram ausentes durante o primeiro texto jornalístico, neste último cada fotografia contém sua própria legenda. Enquanto cada fotografia possui seus próprios significados, as legendas sempre buscam acrescentar (ou diminuir) aqueles, em função de um sentido que elas mesmas querem sublinhar para os que estão observando as imagens; assim, “é possível dizer que as legendas fotojornalísticas sempre tiveram como função reduzir a polissemia inerente à produção fotográfica, direcionando possíveis leituras e entendimentos em torno de uma foto” (CASADEI, 2013, p. 2). Desta feita, além da análise das imagens e de seus próprios significados, também devemos observar aquelas mensagens que as legendas constroem por meio de seus textos.

Imagem 10 – Vista aérea do Forte do Reis Magos



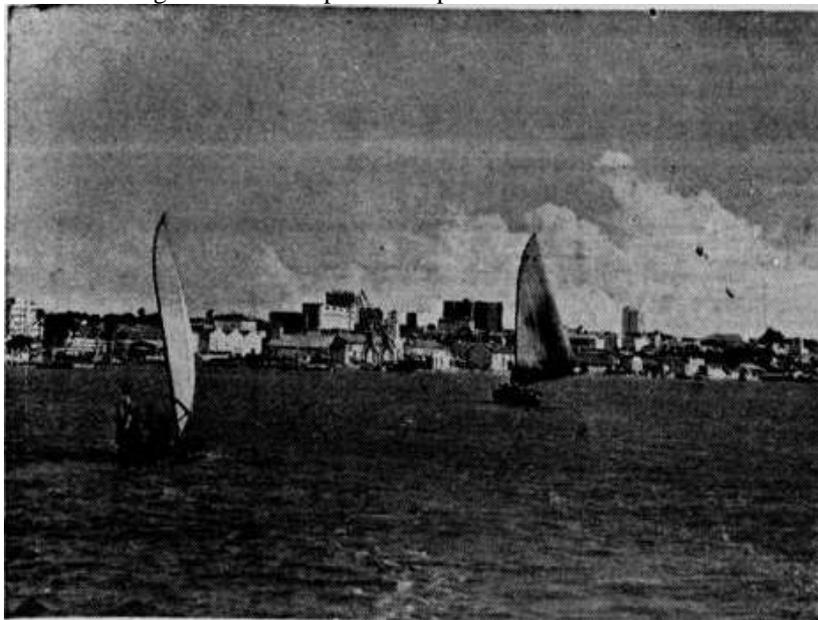
Fonte: O Jornal (RJ), 1970.

Essa foto, publicada um ano depois da fotografia 3, mostra uma visão aérea do forte. Enquanto não apela para a imponência da construção em primeiro lugar, como aquela

examinada anteriormente, vai direto para a beleza estética da sua construção em forma de estrela. Ela chama a atenção para a beleza arquitetônica daquela construção de séculos atrás. Além disso, o forte ocupa cerca de um terço do quadro da imagem, sendo os demais espaços reservados para o mar ao seu redor, dando relevo mais uma vez a ligação de Natal com o mar: o mar é sua moldura, as águas emolduram a cidade e seu forte. A composição aqui ganha, então, um aspecto essencial para tornar o assunto atraente (FERREIRA, 2016). Assim, além do belo mar que a rodeia, Natal teria também construções que concorreriam para chamar a atenção dos turistas, como a fortaleza.

É relevante pontuar o papel que a lenda tem para dar um novo sentido, acrescentando mais que modificando o que o Forte dos Reis Magos é, nos termos da lenda, ele é “lendário”. O significado da palavra lenda comumente é conectado a algo ficcional, fantástico, inverossímil ou algo (alguém) admirado pelos feitos ligados a ele. O Forte, então, como algo real, seria digno de admiração, mas habitando o imaginário de muitos como que provocando o leitor a pensar que histórias, personagens, fatos, teriam acontecido ali. Então, além da beleza arquitetônica e do seu valor, temos também essas questões imagéticas atreladas aquele espaço pela lenda.

Imagem 11 – Vista parcial do porto e da cidade de Natal



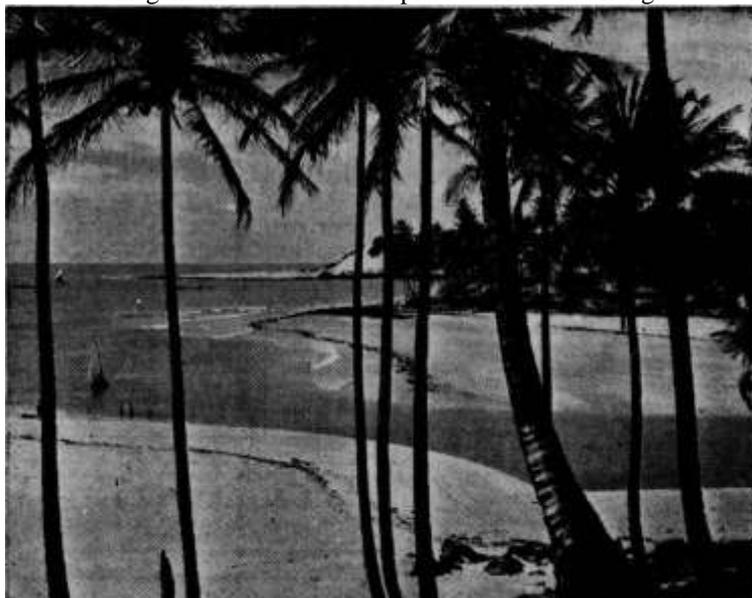
Fonte: O Jornal (RJ), 1970, 14966

Enquanto na fotografia do porto da reportagem de 1969 se tentou dar um panorama geral do porto como integrado a uma cidade, moderna, “progressista”, que crescia e se desenvolvia cada vez mais, dessa vez, o porto em si fica em segundo plano, afastado como fundo. Vemos uma composição simétrica, em que mar e céu compõem duas metades de uma

foto, chamando o olhar do expectador para duas grandes belezas naturais da cidade: o grande céu e mar azuis. A imagem busca passar uma tranquilidade, como se chamasse o expectador a relaxar, ao mesmo que o convida, por meio das embarcações e do porto a explorar o que tem a além. O turista também é um explorador, como um Odisseu que sempre avista um novo horizonte.

A legenda aponta também para essa grande diferença entre as duas imagens do porto. É a “Vista parcial do porto e da cidade de Natal”; não é inteira, ou seja, ainda há muito mais para ver do que aquilo que está por trás do porto, dos barcos, da cidade de céu e mar. Que outras belezas estariam além da vista daquele que estivesse disposto a explorar a cidade? Apesar de a reportagem tentar descrever - não tão detalhadamente como um roteiro turístico - a cidade, e as fotos ajudarem o expectador a construírem uma imagem mental sobre a cidade de Natal, aquilo que não é dito, que não é fotografado, também contribui para a formação dessa imagem.

Imagem 12 – O Cenário tropical da Praia de Pirangi



Fonte: O Jornal (RJ), 1970.

A fotografia número 9 é a única da reportagem a mostrar uma praia, Pirangi, no litoral Sul. Apesar das recomendações da EMBRATUR – desde a sua fundação – de que as praias fossem representadas com pessoas (SILVA, 2012), essa foto da reportagem foi pelo caminho contrário: uma praia praticamente deserta; somente algumas – quase indistinguíveis – figuras humanas são vistas no canto central esquerdo. O foco é a paisagem tomada pela natureza: coqueiros, areia, o rio, o mar. A natureza, na figura dos coqueiros, forma uma moldura natural, já o rio, guia o expectador por todo o quadro, como o convidasse para conhecer e

aproveitar aquelas belezas naturais. Ao contrário de outras fotografias que nós vemos em ambas as reportagens, esta enquadra um domínio quase total da natureza.

A legenda, mais uma vez complementa a ideia reproduzida na fotografia. “O cenário tropical da Praia da Pirangi” é justamente isso: um quadro saído direto dos trópicos: quente, convidativo ao banho de mar (ou rio), relaxar nas águas do Atlântico e esquecer os problemas do mundo urbano. Aqui o símbolo da Cidade do Sol aparece em sua plenitude, pois é na figura da praia que o turismo na cidade viria a se sustentar nos anos que se seguiriam, pois até os dias atuais, são essas que compõem o cenário de destaque para a propaganda do turismo na cidade.

Apesar da importância das praias, os outros espaços não foram esquecidos, porém muitos deles serviriam como apoio ao serviço oferecido naquelas. Temos como exemplo as grandes avenidas construídas, os centros de turismo, os quiosques etc. Todo esse aparato posterior contrasta com aquilo que nós vemos na foto anterior.

Imagem 13 – Vista lateral do Hotel Reis Magos



Fonte: O Jornal (RJ), 1970.

A última foto desta reportagem é, mais uma vez, a representação do principal hotel da cidade à época: o Hotel Reis Magos. Porém, a foto de agora apresenta um cuidado muito maior na apresentação do hotel, há mais detalhes como os guarda-sóis, a piscina e os banhistas.

Embora a reportagem continue a crítica à insuficiente rede hoteleira de Natal em seu texto, também faz um elogio ao que chama de “moderníssimo” Hotel Reis Magos. A fotografia nos mostra que o hotel tem um porte relativamente grande para o padrão de uma capital pequena como Natal e o fotógrafo busca dar ênfase a isso, ao colocar os quartos em evidência. Apesar da fotografia não evidenciar que o hotel era beira-mar – provavelmente

para focar na sua área construída -, a reportagem faz menção ao fato. Também é importante notar que o fator lazer cumpre um papel primordial nessa foto, pois o fotógrafo fez questão de tirar foto da área com a piscina, inclusive mostrando pessoas usufruindo a mesma. A fotografia segue afinada com a perspectiva de construir Natal como um paraíso tropical. Diferente da foto anterior, em que o elemento natural era sublinhado para ressaltar essa tropicalidade, aqui o elemento humano também ganha sua importância: corpos se bronzeando aproveitando o sol, a piscina que refresca os hóspedes, o clima aberto de nuvens esparsas. A legenda aqui não inclui mais que o nome/título do hotel. Acrescenta a informação de ele ser internacional, porém, o texto não aborda esse fato, uma informação que só um leitor mais atento obteria.

No ano seguinte a publicação da reportagem, outra também tratou de Natal na mesma publicação:

Imagem 14 – Reportagem Natal (1971)



Fonte: O Jornal (RJ), 1971.

Trata-se de uma reciclagem da anterior. O texto não possui nenhuma revisão, a maior parte das fotografias foi retirada – ficando somente a do porto de Natal, ainda que sem legenda -, e nenhuma página especial lhe foi dedicada. Mais de um ano havia se passado do II Congresso de Turismo e a matéria já repetida talvez já não tivesse o mesmo efeito que outrora tivera na propaganda do paraíso tropical natalense, apesar dos esforços de publicá-las em meses de alta temporada para o turismo (junho, julho e fevereiro). A repetição da matéria por três anos seguidos poderia mostrar o desgaste do periódico O Jornal (RJ), que viria a encerrar

suas atividades em 1974, assim como outros do país, devido a forte crise financeira que viria a se abrir nos anos seguintes.

Considerações finais

A reportagem analisada, juntamente com a apresentação da Revista Fatos e Fotos nos mostram que o final da década de 1960 – culminando com o início da década de 70 – foram anos de transformação da visão que se tinha sobre a Natal turística. Já havia o desejo de despertar o potencial desse turismo desde a década de 1950, como mostram as iniciativas do prefeito Djalma Maranhão, porém, foi na segunda metade da década de 1960, evidenciam as reportagens e suas fotografias que havia o interesse de se apresentar a capital potiguar como um espaço turístico. A publicação das fotos em um grande veículo de imprensa de um dos principais centros urbanos do país nos mostra alguns dos primeiros passos na construção daquele espaço turístico. Há pouca variação de objetos e ângulos, mas um verdadeiro desejo em cada imagem de apresentar o que a cidade tem a oferecer.

O jornal analisado chegou ao seu fim no ano de 1974, porém, talvez se tivesse continuado, com o crescimento da cidade de Natal, mais reportagens poderiam ter sido feitas e outras visões poderiam ter sido apresentadas por eles ou por veículos de imprensa semelhantes. O interesse, porém, estava vinculado aqueles que financiavam essas publicações em outros jornais. Por que um periódico do Rio de Janeiro, então? Talvez ali estivessem os brasileiros com melhor padrão de vida, ou, por ser uma cidade com grande circulação de estrangeiros, atraíssem esses também para Natal. A análise dessas reportagens, fotografias e legendas nos ajuda a entender mais sobre como se formou a imagem de Natal como cidade turística para o público nacional que depois se perpetuou fora do país, na visão de pessoas que, talvez, sequer nunca nem fossem pisar nesse “paraíso tropical” um dia.

Referências

ARRAIS, Raimundo. Do alto das duas às margens do rio: a paisagem e a literatura na cidade de Natal (1929-1970). **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 8, n. 1.122, 2015. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-1122.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CASADEI, Eliza Bachega. Breve História dos Usos da Legenda Fotográfica nas Revistas Brasileiras. **Ícone**, v. 15, n.1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230706>. Acesso: 05 dez. 2023.

FERREIRA, Alexsandro. Uma Cidade Para o Futuro: O discurso do progresso na estruturação urbana de Natal, *In*: FERREIRA, Ângela Lúcia & DANTAS, George (orgs). **Surge Et ambula**: a construção de uma cidade moderna. Natal, RN: EDUFRN, p. 283-301, 2006.

FERREIRA, Lopes Aparecida. Fotografia e turismo: mudança de olhar do turista. **Revista Educação**, v.11, n.2, p.80-90, 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1520/3479>. Acesso em 04 dez. 2023.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica**. 4. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

MARANHÃO, Marcello. Natal: Do “Forte dos Reis Magos” à Base de Teleguiados. **O Jornal**. Rio de Janeiro, ed. 14647, p. 49, 1969. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pagfis=74830. Acesso em: 19 jun. 2023.

MARANHÃO, Marcello. Natal. **O Jornal**. Rio de Janeiro, ed. 14966, p. 35, 1970. Disponível em https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pagfis=86052. Acesso em: 21 jun. 2023.

MARANHÃO, Marcello. Natal. **O Jornal**. Rio de Janeiro, ed. 15160, p. 35, 1971. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_06&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=91650. Acesso em: 21 jun. 23.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 17, p.64-89. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/2175180308172016064/5681>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SILVA, Sylvana Kelly Marques da. **Centelhas de uma cidade turística nos cartões-postais de Jaeci Galvão (1940-1980)**. 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21110>. Acesso em: 03 dez. 2023.